

A luta é no básico: etnografia das moralidades econômicas entre mulheres motofretistas no Rio de Janeiro

Ana Raquel Rosa do Couto

Doutora em Sociologia/Universidade Federal Fluminense

<https://orcid.org/0000-0002-8367-286X>

anaraquel@id.uff.br

Introdução

O cotidiano das motofretistas¹ no Brasil é marcado por dificuldades e desafios que incidem diretamente sobre os modos de organização de suas vidas práticas, especialmente no que diz respeito à gestão das rendas e dos orçamentos domésticos e familiares. Entre *motogirls*—mulheres que realizam entregas sobre duas rodas—, as práticas econômicas ordinárias adquirem contornos específicos, atravessadas por práticas de cuidado, marcadores de gênero e responsabilidades familiares. Neste artigo, analiso como essas mulheres separam, guardam, marcam e nomeiam seus recursos financeiros, em um contexto de instabilidade econômica agravada pela pandemia da COVID-19.

A etnografia se concentra na trajetória de Rose, entregadora por aplicativo que atua simultaneamente como diarista e artesã. Por meio de suas narrativas e da observação de suas práticas, evidencio categorias como *dinheiro das entregas*², *coisinhas dos filhos*, *contas*

1 Neste artigo, os termos entregadora, motofretista e *motogirl* não são tratados como sinônimos, ao remetirem a diferentes formas de classificação da atividade de entrega (Couto, 2026). Entregadora constitui a categoria mais ampla, designando mulheres que realizam entregas independentemente do meio utilizado ou do grau de especialização da atividade. Motofretista corresponde à categoria técnico-jurídica regulamentada pela Lei nº 12.009/2009, relativa ao transporte remunerado de cargas por motocicleta, sendo mais frequente em documentos oficiais, registros administrativos e processos de formalização do trabalho. Já *motogirl* é uma categoria identitária mobilizada pelas próprias trabalhadoras para afirmar sua presença em uma ocupação historicamente masculinizada, enfatizando pertencimento profissional, experiências compartilhadas e marcadores de gênero. Ao longo do artigo, emprego cada termo conforme o contexto empírico e analítico em que é mobilizado pelos diferentes atores.

2 Os termos e categorias nativas serão apresentados em *itálico*, enquanto palavras e expressões citadas por autores ou interlocutores aparecerão entre “aspas duplas”.

grandes ou *contas pequenas*, que as operam como instrumentos de classificação moral e contábil do cotidiano.

Este artigo está ancorado em uma abordagem etnográfica das economias, inspirada por autores como Viviana Zelizer (2009, 2011, 2017), Eugênia Motta (2014, 2023) e Federico Neiburg (2022), para quem os usos sociais do dinheiro devem ser compreendidos em sua materialidade cotidiana e nas relações que os constituem. Tomo como ponto de partida a hipótese de que o dinheiro, longe de ser um meio neutro de troca, é atravessado por sentidos culturais, afetivos e morais, sendo manipulado em função das demandas da vida e da casa.

As práticas de separação e marcação dos dinheiros permitem compreender como as motogirls constroem uma lógica própria de organização econômica, negociando prioridades ao administrar recursos escassos, e assim garantindo o funcionamento da casa. Na gestão cotidiana desses recursos, emergem as marcas de gênero que orientam suas classificações e destinações: ao mesmo tempo em que conduzem suas motocicletas pelas ruas, essas mulheres distribuem rendimentos entre despesas domésticas e compromissos cotidianos, assegurando a continuidade das relações por meio das “espirais de cuidados e as prestações de contas entre pessoas” (Araújo Silva, 2017, p. 281) de modo que seja possível “estudar a produção cotidiana da família” (Araújo Silva, 2017). Assim, cada dinheiro adquire um uso específico, associado a obrigações e relações particulares, compondo uma economia moral que sustenta a reprodução da vida cotidiana dessas entregadoras.

A relação entre casa e trabalho no universo das motogirls é central para compreender as economias populares e os sentidos atribuídos ao dinheiro em seus contextos cotidianos. Em diálogo com Araújo Silva (2017), percebemos os “problemas domésticos” como uma chave analítica que exige observar trabalho e casa em sua interseção, isto é, nos desafios simultâneos de “ganhar a vida e manter a casa” (Araújo Silva, 2017, p. 11). Entendo, assim, os arranjos financeiros e morais descritos pelas entregadoras como parte de uma dinâmica em que moralidades e dinheiros se imbricam na prática e em que as fronteiras entre a esfera doméstica e a laboral são continuamente negociadas (Zelizer, 2010, 2011, 2017). Esse enquadramento orienta a análise desenvolvida neste artigo e fundamenta a interpretação das categorias nativas mobilizadas por Rose em sua administração dos dinheiros.

Nas sessões seguintes, contextualizo o campo e as abordagens utilizadas, descrevo e analiso as categorias nativas e as rotinas financeiras de Rose, explorando suas implicações para uma compreensão mais ampla das moralidades econômicas presentes no cotidiano dessas entregadoras.

Ao longo da análise, busco ressaltar sobretudo os saberes que constituem a administração da renda e das despesas domésticas por meio dos usos dos dinheiros. O recorte deste objeto decorre do próprio caráter do trabalho com entregas, marcado pela necessidade do “fazimento e refazimento das casas em tempos críticos” (Biehl & Neiburg, 2021). O início do trabalho com entregas, nas vivências das minhas interlocutoras, deu-se com o objetivo de *suprir as necessidades da casa* em meio às incertezas impostas pela pandemia da COVID-19. Seus companheiros e companheiras haviam perdido os vínculos com empregos regulares, fosse por demissão, fosse por desistência decorrente da falta de recursos para o deslocamento e a manutenção da jornada laboral. Entretanto, com esse novo empreendimento, surgiram também novas despesas (Callil & Picanço, 2023, p.75), que nem sempre eram supridas exclusivamente com o dinheiro das entregas, sendo necessário recorrer ao dinheiro da casa (Howson *et al.*, 2021; Machado & Zanoni, 2021; Abílio *et al.*, 2020).

Por outro lado, a casa tampouco podia *ficar descoberta* — esse, afinal, foi o motivo original para que se iniciasse o trabalho com entregas. *Ter a casa descoberta* constituía um risco temido por aqueles e aquelas que convivem com a incerteza como norma, que vivem a *luta no básico* — expressão que será explorada mais adiante. A casa é considerada *descoberta* quando há atraso no pagamento das contas essenciais (principalmente aluguel, água e luz) e falta de mantimentos básicos como arroz, feijão, farinha, ovos e leite. O temor, nesse caso, não se restringe ao risco de “passar necessidade”, mas também remete a aspectos morais e éticos relacionados à noção de honra.

Diante disso, impõe-se uma questão recorrente nas falas das interlocutoras: qual seria o critério para atribuir prioridade a determinadas contas em detrimento de outras? A data de vencimento? A natureza do serviço ou produto, como o aluguel ou a alimentação? A carne do almoço de domingo? O lanche dos filhos na escola?

Rotas metodológicas de pesquisa

A pesquisa que sustenta este artigo foi realizada entre 2020 e 2022, no âmbito da minha dissertação de mestrado (Couto, 2022). O trabalho de campo combinou observação participante, entrevistas semiestruturadas e acompanhamento de grupos virtuais, com destaque para um grupo de WhatsApp criado para motogirls, a partir de contatos prévios estabelecidos em grupos do Facebook denominados com os termos “Motogirls”, “Motogirls e Motoboys RJ” e “Motogirls Brasil” e termos correlatos. Ao todo, participaram da pesquisa cerca de 20 interlocutoras, entre entrevistas, interações cotidianas e trocas mediadas por ambientes digitais.

A relação com essas mulheres, em sua maioria motofretistas que conciliam as entregas com atividades domésticas e familiares, foi construída por meio de encontros presenciais e virtuais e da interação frequente em plataformas como WhatsApp e Facebook. O acompanhamento desses espaços virtuais exigiu cuidados éticos específicos, incluindo a solicitação explícita de autorização para permanência nos grupos, o esclarecimento sobre os objetivos da pesquisa e a não reprodução de mensagens ou imagens que pudessem comprometer a privacidade das participantes. Os nomes utilizados neste artigo são pseudônimos, e informações potencialmente identificáveis foram omitidas ou modificadas.

Entre as interlocutoras, Rose se destacou pela disposição em compartilhar sua rotina, suas estratégias financeiras e reflexões sobre o trabalho e a vida cotidiana. Adoto aqui a perspectiva de uma “etnografia dos problemas domésticos” (Araújo Silva, 2017), privilegiando situações concretas nas quais emergem os desafios de “ganhar a vida” e “dar conta” da casa (Couto, 2022, 2026). A coleta de dados envolveu observação de entregas, conversas informais, análise de mensagens trocadas nos grupos, registro de práticas de marcação do dinheiro (listas, boletos caseiros, divisão de valores) e narrativas de trajetórias de vida.

O meu posicionamento como mulher e pesquisadora também foi um elemento central na construção das relações em campo. Busquei praticar uma escuta comprometida com a produção coletiva do conhecimento etnográfico e me dei conta de que o compartilhamento de nossas experiências e trajetórias abriu espaços de identificação e receptividade entre as participantes.

Apresentando Rose

Nesta seção, apresento Rose, motogirl que conciliava o trabalho como entregadora no aplicativo iFood com a limpeza de um escritório em sua cidade, atividade que realizava às terças e quintas-feiras. Casada há vinte anos e mãe de três filhos, Rose integrava o grupo de WhatsApp “Motogirls” e administrava um grupo homônimo no Facebook, criado por ela própria. Nosso contato se deu durante o trabalho de campo para a produção de minha dissertação de mestrado (Couto, 2022). Em uma de nossas primeiras interações, Rose descreveu sua rotina:

Acorde às 7h, se não tiver nada para fazer. Se tiver, vai ter que acordar umas 5h ou antes. Faça o café dos filhos para eles irem para a escola. Faça a devocional [orações e leitura da Bíblia no período da manhã]. Ligue o aplicativo. Enquanto isso, lave a louça e prepare o almoço. Dê almoço às crianças e ao marido para ir trabalhar. Lave a louça do almoço ou peça para os meninos, se estiver corrido. Se tiver entrega, se arrume e vá para

a rua. Se não tiver, assista a uma televisão enquanto faz o crochê para *aliviar a cabeça*.

À noite, volte da rua com algumas compras se precisar. Se for dia de igreja, vá ao culto à noite. Se não, faça a janta, lave a louça se ninguém tiver lavado e já comece pensando no que fazer de almoço para o dia seguinte, para descongelar as coisas. Aí, sim, a pessoa começa a entender um pouco da minha rotina. E olha que isso é só um dia (Rose, comunicação pessoal, 2021).

Rose e o marido dividiam as despesas da casa. Para ela, “é o mais justo”, uma vez que os dois trabalhavam e possuíam alguma renda. O marido de Rose era eletricitista em um abatedouro de frangos, trabalhando de segunda a sexta das 13h às 22h. Rose descrevia o que ela elencava como prioridade de pagamento durante o mês: “as contas (da casa) que vão vencer”, as despesas da moto e a alimentação. Essas eram as despesas principais de Rose. Para isso, ela dava “prioridade, porque é questão de honra pagar tudo certinho e honrar os compromissos”. Apenas após o pagamento destas despesas era possível “ver o que sobrou”, para dividir entre os gastos “mais supérfluos”.

Rose possuía duas principais fontes de renda: as entregas com iFood e o recebimento de diária em um escritório de contabilidade, duas vezes por semana. Esta última jornada tinha duração de quatro horas semanais, caracterizada como um meio período. No entanto, a remuneração se dava conforme o dia trabalhado, e não por mês. Este tipo de remuneração era característico dos trabalhos informais denominados *bicos*.

O *dinheiro das diárias* era reservado e acumulado gradativamente. Nas palavras de Rose, o dinheiro “vai sendo juntado para pagar as contas que vão vencer”, ou com datas próximas ao prazo de vencimento, sem que fosse necessário pagar multas ou acréscimos. Estas contas eram pagas em casas lotéricas, quando Rose já estava a caminho do escritório ou fazendo entregas. Quando ela estava em casa ou a fila da lotérica era grande, a motogirl preferia efetuar o pagamento pelo aplicativo do banco.

Já a conta telefônica (onde estava incluso o valor da internet utilizada para usar o aplicativo do iFood), combustível da moto, manutenção de pneus e freios eram pagos com o *dinheiro das entregas*. Como resumido por Rose, outros gastos variáveis iam sendo pagos conforme apareciam:

Agora tenho que trocar o pneu traseiro e trocar o freio traseiro também. Troco primeiro o freio para depois trocar o pneu, porque o pneu é mais caro. Aí pago meu telefone, pago o dentista, porque tenho aparelho [ortodôntico], manutenção do aparelho, e compro algumas *coisinhas para casa* (Rose, comunicação pessoal, 2021).

Rose e seu marido possuíam um *vale*, um cartão destinado aos gastos com alimentos e produtos de supermercado, recarregado mensalmente pela empresa em que o marido trabalhava. No entanto, as compras eram realizadas por Rose. Segundo ela, isso ocorria porque tinha o controle do que estava em falta em casa e sabia o que se precisava comprar. Eram também de sua responsabilidade o controle e o porcionamento dos alimentos para poderem durar idealmente até o próximo pagamento.

O marido de Rose era responsável pelo pagamento das contas de água e luz, e pelas prestações da casa financiada pelo casal. Quando havia alguma sobra de dinheiro, esta geralmente era reservada para necessidades e emergências futuras. No entanto, Rose abria exceções para auxiliar os três filhos, comprando roupas, sapatos, material escolar e o que mais houvesse necessidade. Esse investimento também operava como forma de compensar, na formação deles, aquilo que não pôde completar em sua própria trajetória. Adicionado aos trabalhos com entregas e limpeza, Rose dividia seu tempo para concluir o Ensino Médio. Por não ter “a escolaridade completa” e nenhum curso profissionalizante, ela trabalhou a maior parte da vida como costureira e auxiliar de produção. A trajetória educacional de Rose, portanto, constitui um dado sociodemográfico central para compreender suas inserções ocupacionais e os sentidos que atribui tanto ao cuidado com os filhos quanto às possibilidades e limites de seu próprio percurso laboral.

Motta (2023) observa como diferentes fontes de renda e despesas se ajustam conforme a variação das atividades informais, liberando o outro cônjuge para “ganhos não previsíveis” (Motta, 2023, p. 11). A dimensão de “prestação de contas morais e contábeis” (Araújo Silva, 2017, pp. 286–287) evidencia hierarquias do dinheiro como instrumento mediador entre casa e trabalho (Neiburg, 2010, p. 2).

O passo seguinte ao mapeamento das marcações dos dinheiros é a compreensão de suas hierarquias: despesas grandes, despesas pessoais, investimentos, jogar dinheiro fora, férias e aposentadorias. Por trás dessas categorias há planos para o presente e projetos para o futuro (Araújo Silva, 2017, p. 287).

Essas hierarquias revelam os critérios morais e práticos que orientam sua circulação no cotidiano. Ao classificar determinados gastos como prioritários ou adiáveis, as famílias produzem formas de sustentar compromissos materiais e afetivos ao longo do tempo. As marcações monetárias, portanto, constituem uma tecnologia cotidiana de planejamento, por meio da qual rendas frequentemente instáveis são convertidas em possibilidades de reprodução da vida. É nesse movimento que a gestão do dinheiro se articula aos projetos familiares e às expectativas de mobilidade social, aproximando a análise das práticas monetárias de uma compreensão mais ampla sobre como diferentes

grupos sociais constroem condições para “seguir em frente” em contextos marcados pela instabilidade. Essas atividades desembocam na noção de *ganhar a vida* (Araújo Silva, 2017, p.11) desenvolvida pela autora no sentido de:

Apreender simultaneamente como a reorganização do mundo do trabalho e as novas formas de institucionalização das atividades e relações de trabalho afetam condições de vida, as formas de se administrar o dinheiro e os projetos futuros de famílias trabalhadoras (Araújo Silva, 2017, p.11).

Essa perspectiva é particularmente fecunda para compreender os entregadores por aplicativo, cujas rendas variáveis e jornadas imprevisíveis fazem com que o trabalho não se esgote no momento da entrega. Esta composição incide principalmente no que Machado da Silva (1984) identificou como a construção de *estratégias de vida*, relacionadas aos contextos de moradia e habitação, que podem ser pensadas aqui como produzidas entre as famílias, a partir da separação mensal de quantias, a fim de concretizar um projeto futuro. A estratégia de *earmarking* (Zelizer, 2011; Motta, 2014, p. 138) diz muito sobre as formas de gestão e organização dos recursos da casa, sejam elas especificamente financeiras ou não. Além da separação do dinheiro para pagar as contas, outro exemplo a ser destacado é a separação de um ingrediente específico. Geralmente, pratos mais elaborados, no que se refere aos ingredientes, como carnes, tempo e modo de preparo, são designados para refeições especiais, como *almoços de domingo*.

Dar conta, equilibrar-se é algo que remete não apenas ao equilíbrio das contas domésticas e ao equilíbrio necessário à pilotagem do veículo, mas também ao uso e distribuição do tempo. Rose dividia seu tempo entre os trabalhos e os “serviços domésticos”. Por isso, ela preferia ficar em casa esperando algum pedido, em vez de esperar na rua, como a maioria de suas colegas fazia na cidade. Desse modo, ela podia “economizar tempo” e “se preservar de ficar exposta ao tempo (vento, chuva) sem necessidade”.

Rose também preferia “fazer o horário do almoço”, ou seja, ligar o aplicativo para entregas geralmente entre 11h e 14h e ir para casa. Com isso, ela dizia não ter muita paciência para ficar na rua durante todo o dia suportando o calor e “olhando para o meio do trânsito”. De casa, Rose decidia sair ou não se a notificação do aplicativo “tocasse”. Enquanto esperava, ela fazia *suas coisinhas* (atividades domésticas, leituras e passatempos). No entanto, os ganhos eram proporcionais ao tempo passado na rua. Rose comparava uma motogirl que ficava o dia inteiro na rua, ganhando uma média de R\$ 1.000 por semana, enquanto ela ganhava entre R\$ 300 e R\$ 400 pelo mesmo período.

Essa preocupação em dividir as tarefas da casa com as da entrega por parte de minha interlocutora se deve ao fato de ela enxergar as atividades de casa sob sua responsabilidade e como parte de suas funções com relação ao marido. Motta (2014, 2023) demonstra como a casa e as relações que a constituem formam “um lócus de análise das economias”.

[...] Será possível analisar as conexões entre as relações dentro [das casas] [...] — entre os que nela vivem — e entre casas, relações estas que envolvem cuidado e interdependência. A observação do cotidiano e da circulação de coisas, substâncias e pessoas entre casas mostra um fluxo permanente que as mantém em relação. Estas conexões, porém, não são todas iguais, existindo assimetrias, obrigações e moralidades específicas (Motta, 2016, p. 199).

Para Rose, as relações familiares constituem uma fonte recorrente de oportunidades de trabalho. Foi assim que, após o fechamento do restaurante da sobrinha durante a pandemia e a reorganização da produção de refeições para uma clínica de estética, ela passou a colaborar de forma alternada nas entregas. Sua participação envolvia buscar as refeições na casa da sobrinha no meio da tarde, organizar a *bag* e realizar as entregas, aproveitando o trajeto para acionar o aplicativo do iFood. Essa parceria compunha mais um dos bicos que organizam sua rotina.

A preocupação de Rose em conciliar as tarefas domésticas com o trabalho de entregas deriva de sua compreensão do cuidado como uma responsabilidade central, vinculada às posições de esposa e mãe e ao funcionamento cotidiano da casa. Atividades como preparar refeições, organizar a rotina dos filhos, controlar alimentos e despesas e gerir o cartão de alimentação são entendidas como obrigações morais que orientam sua gestão do tempo e do espaço, levando-a a priorizar a permanência em casa enquanto aguarda chamadas do aplicativo, mesmo com possível impacto na renda. Ser “responsável pela casa” significa, para ela, manter a continuidade da vida doméstica e evitar que a casa *fique descoberta*, operando uma vigilância constante sobre pagamentos, vencimentos, ausências, sobras e faltas.

As trajetórias ocupacionais de Rose

No relato da *trajetória* de Rose, experiências de vida e de trabalho se confundem. Ela aborda os diferentes empregos que teve, suas fases de transição e os motivos pelos quais ficou “pulando de trabalho em trabalho até se encontrar” nas entregas. Para ela, estas experiências prévias serviram para que ela soubesse o que “realmente queria da vida”.

Trabalho desde a minha primeira menstruação. Lembro assim porque eu fui cuidar de uma criança em uma casa de família, e minha primeira menstruação veio. Eu mesma, *com meu dinheiro*, comprei o absorvente. Então lembro muito bem dessa história, porque foi algo que vivi muito forte. Quando desceu para mim, eu nem sabia o que era isso. A mulher para quem eu trabalhava explicou para mim que a partir dali eu estava sendo uma mocinha, que eu tinha que me cuidar com a forma de me vestir, onde me sentar, como me comportar. Lembro muito bem dessa história.

Sou filha de mãe separada, que teve sete filhos: seis mulheres e um homem. Era tudo muito difícil nessa época. Não tinha Bolsa Família, não tinha esse negócio de cesta básica, era muito raro. As coisas eram muito difíceis, então a gente foi crescendo já saindo para *trabalhar para os outros*, de babá, de doméstica, porque ninguém tinha estudo. Ela trabalhou de doméstica também, e eu fui cuidar de uma criança. A partir dali fui trabalhando na casa de um e de outro (Rose, comunicação pessoal, 2021).

Seu primeiro emprego na fase adulta foi como secretária na fábrica de caldeiras em que sua irmã também trabalhava. Contudo, este não era o único entrave: seu cunhado também era desorganizado financeiramente, o que a fez permanecer no emprego por menos de um ano. Sua maior dificuldade era o atendimento ao público, o que também a fez desistir de continuar na carreira e de fazer um curso na área. Os clientes, segundo Rose, “gritavam muito, não tinham educação”. A diferença, como entregadora, era que o contato com os clientes tendia a ser muito mais breve e pontual, embora isso não excluísse a possibilidade de destratos e de violências de gênero.

A falta de organização que Rose identificava no cunhado estava principalmente na área da administração financeira. Rose contava que muitas vezes ele marcava com os clientes e na hora não queria atender por estar fazendo quaisquer outras coisas. Por exemplo, ele fazia os pedidos com os fornecedores e depois dizia que não queria mais; os clientes ligavam e ele não queria atender. Seu principal desentendimento se deu porque ele não conseguiu cumprir o que é um valor para Rose: *honrar seus compromissos* e sua palavra diante das pessoas. Em suas próprias palavras, “era um rolo”.

Logo depois, Rose passou a enviar currículos para trabalhar como zeladora em um dos colégios de sua cidade. Contudo, não conseguiu permanecer no emprego por conta do baixo salário, que era inferior ao valor que recebia como secretária na fábrica, e não conseguia pagar suas contas. A primeira fábrica em que trabalhou, aos 19 anos, era de estamparia, onde Rose ficou por 2 anos. Ela foi despedida por motivo de falência, mas conta ter acumulado muitos aprendizados durante este período:

Aprendi a mexer na máquina travete [responsável por colocar as travas em partes da roupa que podem se desgastar com facilidade, como as laterais e bolsos das peças], na caseadeira [máquina que coloca as “casas”, locais onde se encaixa o botão da roupa], na botoneira [máquina industrial aplicadora de botão]. Toda a parte de acabamento, pregar botão, plaquinha, elástico, tudo fui aprendendo. Daí trabalhei em várias fábricas de confecção, aprendi a revisar, aprendi a tirar linha, tudo dentro desse ramo da confecção (Rose, comunicação pessoal, 2021).

Neste trecho, destaquemos a recorrência do termo “aprendi a” utilizado por Rose. Ela menciona que adquiriu habilidades operando as máquinas ao observar uma das funcionárias da empresa, que também era sua colega, e posteriormente recebeu uma oportunidade para praticar. Ao ingressar na profissão de motogirl, Rose optou por aprender por conta própria, assistindo a tutoriais em vídeo no YouTube. No entanto, ela ressaltava que simplesmente assistir aos vídeos não era suficiente. Segundo ela, as verdadeiras lições são aprendidas nas ruas, pois os vídeos fornecem apenas uma base teórica, fundamentada nas experiências de outras pessoas, podendo não refletir as situações de cada uma.

Além dos bicos, Rose desempenhou outras atividades paralelas às entregas. Após me contar sobre seu presente, Rose começou a explicar sua *trajetória*, o que a fez *se tornar uma motogirl*, como se estivesse me explicando os *caminhos* que a levaram até as entregas. Este aspecto se revela até mesmo no tempo em que Rose esteve em cada emprego: se antes ela “ia de trabalho em trabalho”, ficando no máximo até um ano, nas entregas, ela já trabalhava há mais de dois anos ininterruptos. Sobre isso, ela compara suas atividades anteriores e as ligadas ao iFood:

Nesses serviços eles têm muita disputa, e eu não tenho muita paciência com gente esquisita não. Então, eu já não ficava se eu via que o negócio ficava muito difícil para trabalhar no local; eu já dava um jeito de sair. E agora, graças a Deus, estou *em paz*, trabalhando no meu horário. No iFood não tem patrão, não tem ninguém gritando na cabeça, nem te cobrando nada, nem te chamando a atenção, nem te mandando fazer nada, entendeu? Então, para mim, é ótimo (Rose, comunicação pessoal, 2021).

A referência à inexistência de um patrão no iFood é marcante na fala de Rose. Contudo, “não ter patrão” não equivale à ausência de constrangimentos ou pressões. Tais constrangimentos são produzidos pelas próprias plataformas e seus sistemas algorítmicos de controle, ainda que se apresentem de modo menos personalista do que nos empregos formais anteriores de Rose. Mesmo assim, a comparação com suas experiências pregressas evidencia que, para ela, as dinâmicas de vigilância e cobrança mediadas pela plataforma

são percebidas como menos gravosas que aquelas vivenciadas em ambientes de trabalho com chefias diretas.

Um terceiro componente é agregado à rotina de Rose: a produção de peças em artesanato, mais especificamente, crochê. A produção de peças de crochê de Rose seguia uma demanda sazonal, aumentada durante o inverno. No entanto, a confecção de toucas, cachecóis e outras peças também variava conforme o aumento dos preços dos materiais. Ela considerava que seu público era “classe baixa”, então as pessoas não tinham condições de pagar mais de vinte e cinco reais por uma touca, por exemplo. Vendendo por um preço muito abaixo da soma dos gastos, Rose considerava a peça “dada” e, portanto, não tinha retorno algum.

No ano de 2020, Rose conseguiu vender muitas peças, o que não foi possível no ano de 2021 com o aumento da lã. Rose então decidiu vender as toucas remanescentes do ano anterior e passou a produzir e estocar tapetes de crochê, para serem colocados nas entradas das casas. Ela oferecia as peças para as pessoas da sua igreja e presenteava familiares que faziam aniversário.

É um crochê artesanal em casa. Uma época vende, outra época não vende. Uma época sai, outra não sai; depende muito, entendeu? Para quem oferece, as condições da pessoa... Que nem agora a pandemia arrebitou com a vida do mundo inteiro, então o povo não tem mais condições de ficar gastando, entendeu? A *luta* é no básico. A pessoa *luta* pelo básico: comida, água e luz, essas coisas (Rose, comunicação pessoal, 2021).

Neste relato é possível identificar a noção de *luta* cotidiana, “no básico”. Não é possível prever com certeza o quanto se pode ganhar com a atividade de entregas no dia; por isso, é preciso *lutar* todos os dias para ter o básico todos os dias. É possível vender muito em um dia e nada em outro, mas o sentido de *luta* reside nas contas que vêm todo mês. Embora os rendimentos não sejam perenes, as despesas o são.

Para se considerar empreendedora, Rose afirmava que precisaria ser mais consistente na divulgação de suas peças na internet e ampliar sua produção. Ela publicava seus trabalhos em grupos de marketplace do Facebook e os encaminhava para contatos próximos pelo WhatsApp. No entanto, obtinha pouco retorno por esses canais, em parte porque suas energias estavam voltadas para o trabalho no iFood, onde ainda precisava lidar e driblar algumas dificuldades com o uso da tecnologia. Por isso, ela considerava o crochê mais como terapia do que como fonte de renda, pelo “prazer de ver algo se criar em sua mão”. O que Rose produzia tinha outras finalidades além da comercialização; também servia como marcador de afetos na manutenção de suas relações afetivas.

Nas falas de Rose, a produção artesanal ultrapassa a dimensão estritamente comercial, articulando também sentidos terapêuticos e de dádiva, que podem coexistir em uma mesma relação. As peças de crochê são valorizadas por seu caráter personalizado. Mesmo que se tente fazer as peças idênticas, os pontos da trama que formam a malha da peça nunca poderão ser iguais. Isso faz com que a pessoa que recebe se sinta “especial”.

A princípio, essa atividade de artesanato começou como uma fonte de renda extra, e os recursos obtidos com essa atividade ela utilizava “para a casa mesmo”. Quer se trate de adquirir uma peça de roupa necessária aos filhos, quer seja para “inteirar na conta de luz”, indispensável para o trabalho de confecção das peças de crochê, os usos do dinheiro da casa constituem, nesta análise, elementos centrais para pensar relações econômicas em maior escala:

[...] Os circuitos de produtos e de dinheiro baseiam-se em identificações entre modos de ganhar e de gastar: assim, por exemplo, o dinheiro vindo da venda de cosméticos é usado para pagar produtos semelhantes, o dinheiro do aluguel é usado para pagar aluguel, e assim por diante (Motta, 2014, p.138, minha tradução)³.

Nas falas de Rose, a comparação entre diferentes fases da vida funciona como um parâmetro para avaliar seu próprio crescimento, marcado por maior centramento e equilíbrio emocional no trabalho como motogirl. Ela concebe a trajetória pessoal como construída cotidianamente e expressa um forte desejo de contribuir para causas sociais, mesmo diante de decisões difíceis, como a venda do veículo da família para quitar dívidas, o financiamento da casa e da moto e dos equipamentos para o iFood. Segundo ela, com a moto, ela “apostou que poderia conseguir mais dinheiro, e que seria mais fácil de se locomover e estacionar no centro da cidade” onde entregava, ainda que implicasse a reconfiguração, não o abandono, de suas práticas de caridade, anteriormente facilitadas pelo uso do carro.

Com esse relato, Rose estabelecia um paralelo entre a mulher que buscava se tornar e um ideal moral explicitamente ancorado em sua vivência religiosa protestante. A referência mobilizada é a figura da “mulher virtuosa”, descrita no livro de Provérbios de Salomão (capítulo 31), que apresenta uma mulher capaz de desempenhar múltiplas funções no âmbito doméstico e econômico. Produzida em um contexto patriarcal judaico, essa figura tem sido reinterpretada, em leituras contemporâneas, como uma forma de valorização e emancipação da atuação feminina. Em contextos evangélicos mais recentes,

3 “Circuits of products and money are based on identifications between ways of earning and spending: so, for example, money from selling cosmetics is used to pay for similar products, money from rent is used to pay rent, and so on.” (Motta, 2014, p. 138).

a expressão “mulher virtuosa” circula como um elogio entre mulheres, designando aquela que contribui ativamente para a provisão material da família, apoia o marido e é capaz de articular, de maneira *equilibrada*, diversas atividades, incluindo a gestão e a responsabilidade sobre os recursos financeiros.

Iniciação e experiência de Rose nas entregas

Como foi exposto anteriormente, Rose entende o trabalho de entregas como “um bico”, algo que serve para “suprir a necessidade do momento”, um trabalho pontual e provisório, embora ela já estivesse trabalhando na profissão por um longo período. Rose dá muito valor à educação formal “para se estabilizar na vida”, por não conseguir “completar os estudos”. É isso que mais valoriza e espera para o futuro de seus filhos⁴.

Rose contava, então, como começou a trabalhar com entregas. Em uma das ocasiões de suas idas ao centro da cidade, Rose viu uma moça usando uma *bag*. Ela então perguntou à moça se o iFood aceitava mulheres, e ela respondeu afirmativamente. Este foi o “pontapé para fazer o cadastro no aplicativo”.

Com a chegada da pandemia, “foi um tormento”. A cidade ficou fechada por 15 dias por completo, e a demanda por entregas alcançou um crescimento inédito. Os únicos estabelecimentos que estavam abertos eram farmácias, hospitais, mercados e postos de gasolina. O iFood liberou os cadastros pré-aprovados, uma vez que era preciso ter seu cadastro regularizado, com informações bancárias, antecedentes criminais, “uma ficha completa”. Rose aguardava ansiosamente a liberação, pois seu cadastro já estava aprovado.

Rose enfrentou dificuldades com a comunicação com a empresa, pois não havia nenhum posto físico; tudo era feito pelo aplicativo. Ela decidiu então ver vídeos no YouTube sobre como “os caras trabalham”, como é o atendimento ao cliente e o passo a passo das entregas. “Ao tocar o perfil do restaurante para o entregador, é preciso ir ao restaurante pegar o endereço do cliente. O estabelecimento te dá o pedido, e o aplicativo gera um código numérico de segurança”. Esse número era a confirmação para o pedido poder ser levado do ponto de coleta. No aplicativo era possível ver o endereço do cliente e abrir a rota de entrega no mapa, através do GPS (do inglês Global Positioning System, ou Sistema de Posicionamento Global).

4 Os três filhos de Rose tinham entre 17 e 20 anos em 2021. Quando o mais novo deles estava perto de completar 18 anos, Rose arrumou um emprego para ele. Certo dia, ela estava recolhendo entregas em um restaurante para o iFood e viu que havia uma chamada para contratações de entregadores de bicicleta. Conversando com a responsável pelo estabelecimento, ela contratou seu filho. Contudo, aquele não era o tipo de trabalho que Rose almejava para os filhos, uma vez que eles ainda não haviam terminado os estudos. Se tratava apenas um *bico* para que eles *tivessem o próprio dinheiro*, para comprar as coisas de que gostam.

Ao chegar ao destino, era preciso sinalizar ao aplicativo que se chegou ao local, para serem providas informações como o nome do cliente e o número do apartamento. Assim que o aplicativo abrisse as informações, já era possível tocar a campainha e esperar o cliente descer, se fosse o caso de apartamento. O cliente também precisava estar com um código de confirmação em mãos para que se pudesse finalizar a corrida no aplicativo. Essas informações também foram adquiridas através das amizades que Rose fazia *nas ruas*.

Então foi assim minha *trajetória*. Se eu tivesse continuado no ramo de secretária, na recepção, eu não estaria bem. Eu descobri uma coisa depois que comecei a trabalhar no iFood: que odeio *ficar presa* em um lugar desde cedo até a noite. Eu já sabia disso antes; não via a hora de sair para bater o cartão. Aquilo me estressava de um jeito; *ficar presa* no local de serviço até de tarde era de lascar. Eu descobri que eu me dou muito melhor nas entregas; eu me descobri, entendeu? (Rose, comunicação oral, 2021).

Rose não pensava em se aposentar, por ter pouco tempo de INSS (benefício do Instituto Nacional do Seguro Social), um período de 5 anos. Ela também não tinha interesse em pagar “por fora” uma previdência privada. Rose planejava trabalhar “até quando conseguisse”. Para Rose, essa não era uma preocupação. O futuro para ela não é uma preocupação, porque “está tudo nas mãos de Deus e está sempre fazendo alguma *coisinha por fora* para vender”.

Ganhar a vida e marcar dinheiros: categorias, prioridades e *equilíbrio*

A experiência de Rose revela um universo de categorias nativas de usos do dinheiro que ultrapassam a contabilidade formal. Termos como *dinheiro das entregas*, *dinheiro das diárias*, *dinheiro da casa*, *coisinhas dos filhos*, *conta grande* e *conta pequena* organizam o cotidiano financeiro e exprimem uma moralidade orientada pela necessidade de *dar conta*. Essa expressão, recorrente nos relatos, sintetiza a capacidade de equilibrar despesas, assegurar o funcionamento da casa e administrar a escassez de maneira pragmática e moral.

A lógica dessas distinções está diretamente relacionada às características do trabalho realizado por Rose e às temporalidades de cada fonte de renda. O trabalho de entrega, marcado por jornadas longas, desgastantes e altamente incertas, com variações diárias de demanda, distância percorrida e custos com a moto, produz um rendimento instável e fragmentado. Por isso, o *dinheiro das entregas* é preferencialmente destinado às despesas imediatas e de menor valor, como combustível, manutenção básica da moto, recarga de telefone ou pequenas compras para a casa. Trata-se de um “*dinheiro de giro*”,

obtido no corre cotidiano⁵ e rapidamente consumido para garantir que o trabalho possa continuar.

Já as *diárias de limpeza*, embora igualmente extenuantes, oferecem uma renda mais estável, previsível e de maior valor unitário. Essa regularidade relativa permite que Rose as associe às *contas grandes* e fixas do mês e eventuais prestações. Há, portanto, um saber prático, adquirido na experiência, que vincula rendas mais estáveis e expressivas às despesas que exigem maior previsibilidade e organização. Trata-se de uma correspondência nativa entre valores e tempos de trabalho: o que é ganho em blocos maiores é destinado ao que exige planejamento; o que é ganho de modo incerto e picado é usado para as urgências diárias.

A marcação dos diferentes “dinheiros” se manifesta em estratégias como o uso de boletos caseiros, listas impressas ou manuscritas, divisão de valores em envelopes e reservas específicas para determinados gastos. Essas práticas dialogam com a noção de *earmarking* desenvolvida por Zelizer (2011), segundo a qual o dinheiro é continuamente separado e moralmente qualificado pelas pessoas que o manipulam.

No caso de Rose, as *coisinhas dos filhos* (material escolar, roupas, pequenos presentes) constituem uma categoria afetiva, associada tanto à dignidade familiar quanto aos esforços para assegurar uma infância minimamente protegida da instabilidade financeira. Essas distinções, ao organizar a vida prática, também expressam expectativas de estabilidade e valores morais ligados à responsabilidade e ao cuidado, valores vinculados à noção de honra. O ato de *dar conta* emerge, assim, como uma categoria nativa central para compreender as práticas econômicas das motogirls. Ele articula temporalidades e moralidades nas formas de sustentar a vida em contextos de incerteza, iluminando o modo como diferentes fontes de renda são mobilizadas conforme sua confiabilidade, expressa principalmente no volume e no ritmo de obtenção.

Quando a casa sustenta a rua: a casa como horizonte de sentido

As práticas de Rose evidenciam que o trabalho de entrega não pode ser compreendido apenas como uma atividade voltada à geração de renda. Em seu cotidiano, a motogirl articula continuamente as demandas do trabalho com as exigências de cuidado

5 O *corre* remete às práticas ordinárias, fragmentadas e contínuas de “se virar” no dia a dia urbano, articulando pequenos expedientes, redes de sociabilidade, favores e oportunidades contingentes; já a *viração* aparece como um regime mais amplo de engajamento prático e moral, que combina múltiplas atividades, temporalidades instáveis e arranjos provisórios de trabalho, renda e circulação na cidade. Vera Telles (2006) mobiliza a noção de *viração* para dar inteligibilidade às formas cotidianas de inserção no trabalho e de produção da vida nas margens do assalariamento formal. Essas categorias permitem à autora apreender formas específicas de experiência urbana e de construção de trajetórias marcadas pela incerteza, pela improvisação e pela interpenetração entre trabalho, vida cotidiana e espaço urbano.

e de reprodução da vida doméstica, compondo aquilo que diversas autoras têm nomeado como *economias da reprodução social*. Nas narrativas de Rose, a preocupação em “não deixar faltar nada em casa” orienta decisões cotidianas relativas à aceitação de corridas, à definição das jornadas de trabalho e à alternância entre as entregas e as diárias de limpeza. A casa emerge, assim, como um centro de gravidade que organiza os fluxos de trabalho nas ruas e estrutura a gestão dos tempos e dos dinheiros.

Esse achado dialoga com uma literatura que enfatiza a centralidade da reprodução da vida para a sustentação do trabalho remunerado. Fraser (2020) analisa as crises contemporâneas do capitalismo como crises da reprodução social; Federici (2017) evidencia como o trabalho doméstico e afetivo sustenta a força de trabalho sem reconhecimento; e Cavallero & Gago (2022) demonstram como mulheres em economias populares latino-americanas combinam múltiplas atividades para “fazer a vida” em contextos de crescente precariedade.

No entanto, embora o conceito de cuidado tenha se consolidado como categoria central nas ciências sociais, sua aplicação tende a estabilizá-lo como um domínio relativamente unitário, associado ao trabalho doméstico e à reprodução social. A etnografia das motogirls revela o cuidado como uma prática situada, relacional e imbricada a dinâmicas de mobilidade, improviso e gestão do dinheiro. Categorias nativas como “*dar conta*” ou “não deixar faltar” operam como princípios morais e práticos que orientam decisões concretas e escapam às definições analíticas estabilizadas. O cuidado aparece, assim, de forma polissêmica: ora como esforço material, ora como obrigação moral, ora como critério para a alocação dos dinheiros, exigindo uma abordagem etnográfica sensível às variações e aos sentidos produzidos no cotidiano.

Essas reflexões ajudam a iluminar a experiência de Rose. O trabalho de entrega não era concebido como uma atividade isolada, mas como parte de uma engrenagem mais ampla de sustentação material e afetiva. A separação entre “dinheiro das entregas”, “dinheiro das diárias” e “dinheiros da casa” expressava uma lógica prática baseada nas características concretas de cada atividade⁶, valores, regularidade, previsibilidade e relação com a rotina doméstica e escolar dos filhos. Esse movimento aproxima-se das discussões de Motta (2014, 2023) sobre a centralidade dos *dinheiros da casa* nas economias populares.

O trabalho logístico, com sua dinâmica acelerada, impõe ritmos e improvisações no cotidiano doméstico. Ainda assim, é a partir da casa que se constroem os sentidos da *luta* (Couto, 2022, 2026): *dar conta das contas*, das entregas, *se equilibrar* na moto e na

6 Diversas autoras apontam que mulheres em ocupações informais distribuem rendas de forma diferenciada com base em regularidade, valor e adequação às despesas fixas do mês (Motta, 2014; Gago, 2020).

vida, enfrentar os riscos de acidentes decorrentes das intempéries climáticas e voltar para casa todos os dias. Essa interdependência entre casa e trabalho também reconfigura a subjetividade das trabalhadoras. Não se trata apenas de “ganhar dinheiro”, mas de afirmar um lugar no mundo por meio da capacidade de prover e sustentar relações (Gago, 2020; Cavallero & Gago, 2022).

Nos relatos de Rose e de outras motogirls, a satisfação advinha, além da autonomia sobre o próprio tempo, também da possibilidade de cumprir os compromissos afetivos e materiais exigidos pela casa. Nesse sentido, o trabalho de entrega entrelaça-se às redes de cuidado, revelando que, para essas mulheres, *dar conta* é também uma forma de viver com dignidade em um mundo de instabilidades.

Os depoimentos de Rose e de outras motogirls sintetizam a imbricação entre cuidado, trabalho e moralidade econômica que aparece em estudos recentes sobre mulheres trabalhadoras por plataformas no Brasil⁷. Portanto, não há separação nítida entre produção e reprodução nas vidas das mulheres, e, no caso das motogirls, isso se intensifica pelo caráter fragmentado e imprevisível das entregas.

Os múltiplos sentidos das *liberdades* nos discursos sobre empreendedorismo

Entre as motogirls, o discurso da *liberdade*, “não ter patrão”, “fazer o próprio horário”, aparece com frequência, mas sempre atravessado por ambivalências. Para Rose e suas colegas, a liberdade vinculada ao trabalho por aplicativo convive com limites muito concretos, como a necessidade de cumprir metas, a pressão pelos rendimentos diários e os riscos constantes nas ruas (Guedes & Couto, 2024).

A noção de *liberdade* manifesta-se de maneiras distintas conforme as experiências de cada entregadora e pode ser sintetizada em três aspectos principais, que se encontram interligados: 1) Liberdade em relação à mobilidade: dispor de recursos econômicos para circular de motocicleta para onde desejarem, sem se deparar com as limitações impostas pelo gênero, como o assédio. Muitas não conseguem sair para trabalhar após as 19 horas por receio de assédio por parte da polícia, de clientes ou até mesmo de seus próprios colegas de trabalho. 2) Liberdade financeira: a pandemia agravou a escassez de recursos, o que levou à necessidade de redistribuir ou reatribuir esses recursos a fim de cobrir as despesas domésticas de um número maior de membros da família. 3) Liberdade relacional: não depender de parceiros, cônjuges ou familiares para a própria subsistência econômica.

⁷ Sobre trabalhos femininos em plataformas e a relação com o cuidado, ver Abílio *et al.* (2020), Abílio (2020).

Um dos conceitos de liberdade compartilhados por quase todas as entregadoras era o desejo de poder sair de casa, algo que foi severamente restringido durante o período de isolamento social na pandemia, exceto para o trabalho, sempre com as devidas precauções e o cumprimento das exigências sanitárias. Além disso, o uso constante de máscaras, combinado com o uniforme habitual (jaquetas, botas, luvas e capacete), passou a ser percebido como uma barreira adicional, limitando o contato e a comunicação que antes eram mais fluidos. Era sempre necessário optar pelos equipamentos mais baratos, ainda que colocassem suas vidas em risco.

Entre elas, uma entregadora conseguiu expressar de forma concisa o sentimento coletivo: “*liberdade é um tanque cheio*”. Um *tanque cheio* simbolizava não apenas a capacidade de pagar o combustível necessário para enchê-lo completamente, mas também a possibilidade de percorrer longas distâncias sem a preocupação constante de quando a gasolina acabaria.

Um *tanque cheio* representava a capacidade de superar as dificuldades inerentes à vida no capitalismo contemporâneo, que se agravaram nos últimos anos. Representa também a possibilidade de mobilizar os conhecimentos adquiridos a partir de suas experiências nas ruas, aquilo que elas chamam de “*as manhas da rua*”.

Nos últimos anos, uma literatura ampla tem se dedicado a compreender processos de uberização, precarização e gestão algorítmica (Antunes & Filgueiras, 2020; Sabino & Abílio, 2019; Abílio, 2020). Embora pioneira no mapeamento das tendências desse campo, essa abordagem nem sempre capta as variações situadas por meio das quais esses processos são vividos e reinterpretados no cotidiano. Minha pesquisa adota uma perspectiva distinta, enfatizando como esses processos são apropriados e negociados ao serem ressignificados nas experiências concretas das trabalhadoras.

Nesse sentido, categorias como “precarização” e “gestão algorítmica” exigem reespecificação empírica para dar conta da multiplicidade de sentidos atribuídos ao trabalho, à autonomia, ao cuidado e ao “ganhar a vida”. A etnografia se apresenta como necessidade analítica para compreender como essas mulheres constroem, no cotidiano, alternativas para sustentar a casa e administrar o dinheiro, e assim proteger seus familiares.

A noção de ser “a própria chefe”, recorrente nos discursos empreendedores, surge reconfigurada nas narrativas das motogirls: a autonomia nomeia menos um projeto de realização individual e mais um esforço pragmático de fazer a vida funcionar. Se o trabalho por entregas é frequentemente descrito como “melhor do que *ficar parada*” ou “melhor do que aguentar humilhação de patrão”, o cansaço, os acidentes e a instabilidade dos ganhos evidenciam os percalços dessa liberdade. O empreendedorismo que emerge dessas

experiências não expressa adesão plena a ideais de sucesso individual, e sim uma tática de reorganização do trabalho informal diante de condições adversas.

Algumas considerações sobre a "questão do empreendedorismo"

A maioria das entregadoras no grupo vende ou revende cosméticos, faz artesanato ou outra atividade além da entrega para *"ganhar um extra"*. Uma das justificativas mais mobilizadas por elas é que a "pandemia deixou tudo mais difícil", mas que não podemos "abaixar a cabeça nem desistir porque é *pra frente que se anda*" (Couto, 2022). Ainda assim, é importante lembrar que o contexto em que se insere o trabalho de minhas interlocutoras foi particularmente marcado pela instabilidade da pandemia da COVID-19, em que muitas pessoas de seus núcleos familiares perderam seus empregos formais ou não conseguiram se manter da mesma forma que antes.

Nesse cenário, as principais vias de ingresso das entregadoras nas entregas foram: os cadastros em aplicativos, as indicações de familiares e amigos de confiança e a divulgação dos serviços por meio das redes sociais. Ao acompanhar as interações entre as trabalhadoras em um grupo de WhatsApp criado durante a pesquisa, foi possível observar a circulação de comparações entre diferentes regimes. Em um desses debates, Rose destaca como vantagens centrais do trabalho por aplicativo a autonomia sobre os horários, a previsibilidade dos pagamentos e, sobretudo, a ausência da figura convencional do patrão, descrita por ela como um "patrão totalmente *offline*".

O uso recorrente das categorias *"on"*, *"online"*, *"off"* e *"offline"* revela modos específicos de pensar presenças e ausências, tanto no plano técnico, entre plataformas e estabelecimentos independentes, quanto no plano relacional. A inexistência de um patrão diretamente presente é valorizada como forma de evitar cobranças, humilhações e conflitos cotidianos. Discursos semelhantes emergem em outros espaços de sociabilidade digital, como grupos de entregadores no Facebook, onde o vínculo formal e a carteira assinada são frequentemente associados à ideia de "atraso".

Essa percepção dialoga com as análises de Pinheiro-Machado e Scalco (2018) sobre a reconfiguração moral do trabalho nas periferias urbanas, nas quais a informalidade passa a ser valorizada como espaço de autonomia por meio da agência e da projeção de futuro, ainda que atravessada por riscos e incertezas. Nessa gramática moral, o trabalho formal é frequentemente associado à dependência por meio do controle e à ausência de perspectivas (Pinheiro-Machado & Scalco, 2018).

Ademais, as entregadoras evitam o uso do termo "serviço", por este implicar subordinação. A desvalorização financeira, combinada às exigências de agilidade e multiplicidade de tarefas, é percebida como forma de humilhação, especialmente quando

acompanhada de cobranças desrespeitosas por parte de patrões. Episódios narrados no grupo, como repreensões públicas e baixos repasses para custos básicos, reforçam a crítica às relações hierárquicas tradicionais, mesmo diante da necessidade de “aguentar” determinadas situações para “garantir o trabalho em meio às condições difíceis do mercado atual”.

A despeito de todas as dificuldades, elas ainda preferem estar “por conta própria”, por ser melhor trabalhar com “liberdade” do que com “leiberdades”. Outra integrante recente do grupo, Luciene, conta que vê certa incongruência entre os acordos e o que acontece “na prática”:

Na prática, essas coisas não acontecem; o patrão não respeita. Você é obrigado a cumprir tudo, mas se eles não cumprem e você reclama, processa, demora um tempão para ver algum resultado. Você ainda perde dinheiro com advogado e não dá em nada (Luciene, comunicação oral, 2021).

Outro elemento recorrente nos relatos é a sensação de humilhação que atravessa o “dia a dia das entregas”. Entre os principais problemas mencionados estão o julgamento prévio por serem mulheres, o baixo repasse das taxas de entrega e das diárias, os horários desfavoráveis e os trajetos longos ou perigosos — aspectos centrais na experiência de minhas interlocutoras e amplamente compartilhados por outras trabalhadoras. A isso somam-se os episódios frequentes de assédio, que as levam, inclusive, a adotar uma aparência mais “masculinizada” (Souza, 2024, p. 142).

Para Rose, a *liberdade* não se confunde com grandes ambições, mas com o sossego e a possibilidade de projetar estabilidade. Essa estabilidade se expressa na divisão das despesas com o marido, no uso de sua renda para si e para os filhos, na permanência em um mesmo trabalho sem conflitos prolongados e, sobretudo, na possibilidade de não mais viver sob o “grito do patrão”. A liberdade, nesse sentido, articula-se menos como ausência de vínculos e mais como uma forma de vida marcada pela previsibilidade e pela dignidade.

A vida social do dinheiro como categoria socioantropológica

A necessidade de analisar a vida social do dinheiro (Dodd, 2014) provém das realidades empíricas de nossos interlocutores e de suas práticas econômicas cotidianas. Como ressalta Zelizer (2017). As pessoas entendem que, apesar do anonimato das notas (referindo-se especificamente às de dólar), nem todos os dinheiros são iguais ou intercambiáveis. Rotineiramente, atribuímos significados diferentes e usos distintos a determinados valores.

Álvarez e Perelman (2020) reforçam o argumento de que o enfoque etnográfico possui potencialidades para desenvolver abordagens “ordinárias” da vida a partir das estratégias organizacionais nativas, para pensar sobre seus futuros com base no que consideram ganhar a vida e ter uma vida digna (Narotzky & Besnier, 2014). É também a partir das formulações de Motta (2023), retomando uma discussão apresentada anteriormente pela autora (Motta, 2014), que busco as descrições das práticas econômicas por uma via processual:

A abordagem etnográfica leva a que as práticas econômicas observadas sejam uma janela a partir da qual se tornarão visíveis também práticas familiares, formas de pensar e construir espaços materiais [...]. Desloca-se, assim, a questão sobre “se” a moralidade, os afetos, o parentesco, por exemplo, estão envolvidos nas práticas econômicas, para o esforço em se compreender “como” se conjugam na conformação de um mundo social (Motta, 2014, p. 122).

Motta (2023) também identifica formas de separação da interlocutora entre “dinheiro grande” e cédulas de valores altos, que iam sendo transformadas em “dinheiro pequeno”, conforme eram gastos ou trocados. Estes *dinheiros* têm propósitos e locais de armazenamento distintos, revelando muito sobre a categorização e os significados atribuídos pelos interlocutores a eles. Esta estratégia também é uma medida de segurança:

As pessoas escondem notas dentro de sapatos e meias, em bolsos internos costurados à roupa, entre os seios e em cuecas e calcinhas. Como se espera que os ladrões conheçam essas estratégias, o espalhamento das notas é feito de modo que, se perda houver, ela seja a menor possível. O fracionamento em uma quantidade de cédulas deve ser suficiente para que os valores possam ser distribuídos, mas não tão grande que gere volumes que possam chamar a atenção (Motta, 2023, p. 13).

Em contextos marcados pelo uso crescente de meios digitais (como transferências bancárias, aplicativos e, de modo emblemático, o Pix), essas operações de transformação e fracionamento do dinheiro deixam de depender exclusivamente de cédulas e passam a se realizar por meio de interfaces e registros eletrônicos. Ainda assim, o princípio analítico permanece: o dinheiro segue sendo diferenciado, marcado e organizado segundo finalidades morais e práticas específicas, agora inscritas em dispositivos digitais que redefinem onde o dinheiro “está” e como ele pode ser gasto, sem eliminar as lógicas de separação que orientam as economias cotidianas.

Ou seja, as pessoas identificam, classificam, organizam, usam, segregam, fabricam, projetam, armazenam e até mesmo decoram o dinheiro à medida que lidam com suas múltiplas relações sociais (Zelizer, 2017). A transformação que as pessoas causam relacionalmente no significado, nos usos e na finalidade mostra que a cultura e os relacionamentos causam efeitos, formas e diversidade em algo que se acredita ser um instrumento único, intercambiável e absolutamente impessoal — a própria essência de nossa civilização moderna racionalizadora. Através do dinheiro da casa, Motta argumenta na esteira zelizeriana: este se torna um “nexo prático-valorativo a partir do qual pessoas, casas, relações e dinheiros se constituem mutuamente” (Motta, 2023, p. 2).

Essa assunção traz a urgência de pensarmos sociologicamente o dinheiro, para além da dimensão unilateral como instrumento simbólico de troca. Nesse sentido, Zelizer (2017) chama a atenção para o fato de que a antropologia tem avançado no sentido de pensar as relações a partir e através das trocas monetárias. A própria obra fundadora das práticas antropológicas e etnográficas trata de um sistema de trocas (Malinowski, 2018), tendo as conchas e colares também um valor equivalente ao monetário.

Conclusão

Este artigo analisou as formas de separação, marcação e administração do dinheiro mobilizadas por motogirls, tomando a trajetória de Rose como fio condutor. A partir de sua experiência, foi possível iluminar práticas econômicas mais amplas compartilhadas por entregadoras e entregadores por plataforma, situadas em um contexto marcado pelas instabilidades intensificadas pela pandemia da COVID-19. Ao acompanhar seu percurso laboral até a inserção como motogirl, destaquei os aprendizados práticos adquiridos nas ruas e as noções plurais de *liberdade* que atravessam essas vivências, assumindo contornos específicos a partir de sua posição social.

A análise etnográfica das moralidades e saberes envolvidos na administração da renda e das despesas domésticas evidenciou a necessidade de repensar sociologicamente o dinheiro para além de sua concepção como mero instrumento de troca. As decisões financeiras observadas não se mostram apenas pragmáticas, mas profundamente imbuídas de significados culturais e morais, atravessadas pela incerteza e pela *luta* cotidiana. Ao seguir as múltiplas formas de separação e transformação dos dinheiros, foi possível compreender como essas práticas constituem um “nexo prático-valorativo” (Motta, 2014) que simultaneamente reflete e produz relações sociais, afetos e vínculos de parentesco.

Inspirada em Zelizer (2009, 2011, 2017) e Motta (2014, 2023), a abordagem adotada desloca o foco da economia abstrata para uma compreensão situada das formas

pelas quais o dinheiro é significado, organizado e utilizado no cotidiano. A rotina de Rose revela a complexa articulação entre trabalho remunerado, cuidado doméstico e gestão financeira, marcada por múltiplas fontes de renda, estratégias de reserva, separação de despesas e uma divisão solidária das responsabilidades econômicas com o marido. Pagar as contas em dia emerge, nesse contexto, como uma questão de honra, revelando a dimensão moral que estrutura suas práticas financeiras.

A trajetória de Rose evidencia ainda a fluidez e a adaptabilidade do trabalho informal, bem como o papel das redes familiares na criação de oportunidades econômicas. A escolha pelas entregas expressa uma busca por autonomia e por condições de trabalho mais dignas, contrastando com experiências anteriores marcadas por desorganização e desrespeito. Atividades como o artesanato, por sua vez, articulam afeto e pertencimento comunitário, reforçando laços familiares e religiosos e ampliando os sentidos do trabalho para além do mercado.

Embora Rose defina as entregas como um “bico”, essa autodefinição contrasta com a centralidade efetiva dessa atividade em sua rotina e na composição de sua renda, revelando tensões entre percepção subjetiva e prática econômica. Sua trajetória, assim como a de outras motogirls, evidencia que as economias populares são tecidas por escolhas morais e negociações permanentes. A expressão “*dar conta*” emerge como chave analítica para compreender essa prática, na qual administrar o dinheiro é também administrar relações, tempo e dignidade.

Ao produzirem os dinheiros da casa, as motogirls reconfiguram, de forma situada, as fronteiras entre produção e reprodução, rua e lar, *liberdade* e necessidade. Suas práticas desafiam modelos tradicionais de análise do trabalho e da economia, apontando para a centralidade do cuidado e das moralidades nos circuitos econômicos populares. Assim, seguir o rastro do dinheiro, em suas pequenas separações cotidianas, permite vislumbrar os projetos de futuro, valores e estratégias de vida inscritos na materialidade da vida cotidiana.

Uso de Inteligência Artificial

Foi utilizada a ferramenta ChatGPT (OpenAI) exclusivamente como apoio à revisão linguística do manuscrito, com a finalidade de sugerir aprimoramentos de redação, fluidez textual, gramática, ortografia e estilo. A concepção da pesquisa, a revisão de literatura, o trabalho de campo, a análise dos dados, a interpretação dos resultados, a estrutura argumentativa e a redação integral do conteúdo científico do artigo foram realizadas pela autora. As sugestões fornecidas pela ferramenta foram submetidas à revisão crítica da autora, que assume total responsabilidade pelo conteúdo, pelas interpretações e pela versão final do manuscrito.

Referências

- Abílio, Ludmila Costhek *et al.* (2021). Trabalho por aplicativos e gênero. *Cadernos CRH*, 34.
- Abílio, Ludmila Costhek *et al.* (2020). Plataformas digitais, uberização do trabalho e regulação no capitalismo contemporâneo. *Contracampo*, 39(1), 12–26.
- Abílio, Ludmila Costhek; Almeida, Paulo Freitas; Amorim, Henrique; Cardoso, Ana Cláudia Moreira; Fonseca, Vanessa Patriota da; Kalil, Renan Bernardi & Machado, Sidnei (2020). Condições de trabalho de entregadores via plataforma digital durante a Covid-19. *Revista Jurídica Trabalho e Desenvolvimento Humano*, Edição Especial – Dossiê Covid-19, 1–21. <https://doi.org/10.33239/rjtdh.v.74>.
- Álvarez, María Inés Fernández & Perelman, Mariano (2020). Perspectivas antropológicas sobre las formas de (ganarse la) vida. *Cuadernos de Antropología Social*, 51.
- Antunes, Ricardo & Filgueiras, Vitor (2020). Plataformas digitais, uberização do trabalho e regulação no capitalismo contemporâneo. *Contracampo*, 39(1), 27–43.
- Araújo Silva, Marcella Carvalho (2017). *Obras, casas e contas: uma etnografia de problemas domésticos de trabalhadores urbanos no Rio de Janeiro*. Tese de Doutorado, Instituto de Estudos Sociais e Políticos, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ, Brasil.
- Biehl, João & Neiburg, Federico (2021). Oikography: ethnographies of house-ing in critical times. *Cultural Anthropology*, 36(4), 539–547. <https://doi.org/10.14506/ca36.4.03>.
- Brasil. Lei nº 12.009, de 29 de julho de 2009. Regulamenta o exercício das atividades dos profissionais em transporte de passageiros, “mototaxista”, em entrega de mercadorias e em serviço comunitário de rua, e “motoboy”, com o uso de motocicleta; altera a Lei nº 9.503, de 23 de setembro de 1997, para dispor sobre regras de segurança dos serviços de transporte remunerado de mercadorias em motocicletas e motonetas (moto-frete); estabelece regras gerais para a regulação desse serviço e dá outras providências. *Diário Oficial da União*: seção 1, Brasília, DF, 30 jul. 2009. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2009/lei/l12009.htm.

Callil, Victor & Picanço, Monise (orgs.) (2023). *Mobilidade urbana e logística de entregas: um panorama sobre o trabalho de motoristas e entregadores com aplicativos*. São Paulo: CEBRAP.

Cavallero, Luci & Gago, Verónica (2022). *La casa como laboratorio: finanzas, vivienda y trabajo esencial*. Buenos Aires: Fundación Rosa Luxemburgo.

Couto, Ana Raquel Rosa do (2022). *Pra frente que se anda: as dinâmicas e moralidades das motogirls*. Dissertação de Mestrado, PPGS/Universidade Federal Fluminense, Niterói, RJ, Brasil.

Couto, Ana Raquel Rosa do (2026). *Ganhando a vida na base: uma etnografia dos circuitos e práticas de entregadores de uma distribuidora de encomendas on-line do Leste Fluminense*. 286 f. Tese de Doutorado, PPGS/Universidade Federal Fluminense, Niterói, RJ, Brasil.

Dodd, Nigel (2014). *The social life of money*. Princeton/Oxford: Princeton University Press.

Federici, Silvia (2017). *O ponto zero da revolução: trabalho doméstico, reprodução e luta feminista*. São Paulo: Elefante.

Fraser, Nancy (2020). Contradições do capital e cuidados. *Princípios: Revista de Filosofia*, Natal, 27(53).

Gago, Verónica (2020). *A potência feminista ou o desejo de transformar tudo*. São Paulo: Elefante.

Guedes, André Dumans & Couto, Ana Raquel Rosa do (2024). Mobilidades e concepções de liberdade na vida corrida das motoentregadoras. In Carolina Zuccarelli, Cristiano Monteiro & Juliana Vinuto (orgs.), *Perspectivas sociológicas contemporâneas* (pp. 637–662). Niterói: Editora Uaná.

Howson, K.; Spilda, F. U.; Bertolini, A.; Heeks, Richard; Ferrari, Fabian; Katta, S.; Cole, M.; Reneses, P. A.; Salem, N.; Sutcliffe, D.; Steward, S. & Graham, Mark (2021). Stripping back the mask: Working conditions on digital labour platforms during the COVID-19 pandemic. *International Labour Review*. <https://doi.org/10.1111/ilr.12222>.

Machado da Silva, Luiz Antônio (1984). Estratégias de vida e jornada de trabalho. In: L. A. Machado da Silva & J. S. Leite Lopes (org.), *Condições de vida das camadas populares* (pp. 83-98). Rio de Janeiro: Zahar.

Machado, Sidnei & Zanoni, Alexandre P. (2021). O trabalho em plataformas digitais: direitos, COVID-19 e problemas emergentes. *Sociedade e Cultura*, 24, e66060. <https://doi.org/10.5216/sec.v24.66060>.

Malinowski, Bronislaw (2018 [1978]). *Argonautas do Pacífico Ocidental*. São Paulo: Ubu Editora.

Motta, Eugênia (2014). Houses and economy in the favela. *Vibrant: Virtual Brazilian Anthropology*, 11(1). <https://doi.org/10.1590/S1809-43412014000100005>.

- Motta, Eugênia (2023). O que faz o dinheiro da casa. *Horizontes Antropológicos*, 29(66), 2–30. <https://doi.org/10.1590/1806-9983e660602>.
- Narotzky, Susana & Besnier, Niko (2014). Crisis, value, and hope: Rethinking the economy. *Current Anthropology*, 55(S9). <https://doi.org/10.1086/676327>.
- Neiburg, Federico (2010). “Os sentidos sociais da economia”. In: Dias Duarte, Luiz Fernando (org.). *Horizontes das ciências sociais no Brasil – Antropologia*. ANPOCS/Barcarolla/Discurso Editorial.
- Neiburg, Federico (2022). Buscando a vida na economia e na etnografia. *Mana*, 28(2), 1–32. <https://doi.org/10.1590/1678-49442022v28n2a900>.
- Pinheiro-Machado, Rosana & Scalco, Lucia (2018). Da esperança ao ódio: juventude, política e pobreza do lulismo ao bolsonarismo. *Cadernos IHU Ideias*, 16(278), 1–24.
- Sabino, André M. & Abílio, Ludmila Costhek (2019). Uberização: o empreendedorismo como novo nome para a exploração. *Revista Jurídica Trabalho e Desenvolvimento Humano*, 2(2), 109–135.
- Souza, Lucas Santos (2024). Algorithmic management and app-based delivery workers in Rio de Janeiro: Race, gender, and artificial intelligence. *Journal of Extreme Anthropology*, 8(2), 130–150. <https://doi.org/10.5617/jea.11926>.
- Telles, Vera (2006). Mutações do trabalho e experiência urbana. *Tempo Social*, 18(1), 173–195.
- Zelizer, Viviana (2009). Dualidades perigosas. *Mana*, 15(1).
- Zelizer, Viviana (2010). The economy of care. *Civitas – Journal of Social Sciences*, 10(3), 375–391. Pontifical Catholic University of Rio Grande do Sul.
- Zelizer, Viviana (2011). *Economic lives: how culture shapes economy*. Princeton: Princeton University Press.
- Zelizer, Viviana (2017). *The social meaning of money: pin money, paychecks, poor relief & other currencies*. Princeton: Princeton University Press.

Recebido em 21 de julho de 2025.

Aceito em 13 de dezembro de 2025.

A luta é no básico: etnografia das moralidades econômicas entre mulheres motofretistas no Rio de Janeiro

Resumo

Este artigo destaca práticas econômicas ordinárias entre entregadoras cariocas, também chamadas de *motogirls*. A partir das vivências de Rose, *motogirl*, diarista e artesã, e de outras entregadoras, analiso etnograficamente estratégias de marcação dos dinheiros, em um cotidiano marcado por incertezas agravadas pela pandemia da COVID-19. As práticas são discutidas à luz dos conceitos de earmarking (Zelizer, 2011, 2017), os dinheiros da casa como nexos prático-valorativo (Motta, 2014, 2023) e usos sociais do dinheiro para ganhar a vida (Neiburg, 2022; Araújo Silva, 2017). O trabalho com entregas surge como forma de suprir necessidades domésticas e manter a reprodução da vida material e social. As conclusões contribuem para compreender como mulheres em economias populares urbanas produzem classificações morais e arranjos econômicos que sustentam a casa e permitem navegar pelas exigências do trabalho de entregas. O artigo ilumina, assim, a articulação entre economia doméstica, práticas de cuidado e mobilidade em contextos de incerteza.

Palavras-chave: Dinheiros da Casa; Moralidade Econômica; Economia Popular; Motogirls; Etnografia.

The struggle lies in the basics: an ethnography of economic moralities among women motorcycle couriers in Rio de Janeiro

Abstract

This article examines ordinary economic practices among female delivery workers in Rio de Janeiro, commonly referred to as *motogirls*. Drawing on the experiences of Rose—a *motogirl* who also works as a domestic cleaner and artisan—as well as those of other delivery workers, I conduct an ethnographic analysis of strategies for earmarking money within a daily life marked by uncertainties intensified by the COVID-19 pandemic. These practices are discussed in light of the concepts of earmarking (Zelizer, 2011, 2017), household monies as a practical-evaluative nexus (Motta, 2014, 2023), and the social uses of money to make a living (Neiburg, 2022; Araújo Silva, 2017). Delivery work emerges as a means of meeting domestic needs and sustaining the material and social reproduction of life. The findings contribute to an understanding of how women in urban popular economies produce moral classifications and economic arrangements that sustain the household and enable them to navigate the demands of delivery work. The article thus sheds light on the articulation between domestic economy, care practices, and mobility in contexts of uncertainty.

Keywords: Household Money; Economic Morality; Popular Economy; Motogirls; Ethnography.